

---

## As várias faces da ignorância

---

### The many facets of ignorance

---

### Las múltiples caras de la ignorancia

---

Tadeu de Oliveira Silva

Daniel Costa Martins

Alexsandro Galeno Araújo Dantas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

BURKE, Peter. **Ignorância**: uma história global. Tradução Rodrigo Seabra. São Paulo: Vestígio, 2023.

A obra *Ignorância: uma história global*, de autoria do historiador inglês Peter Burke, apresenta uma história social dos diversos conceitos de ignorância na política, economia, saúde, educação, entre outras áreas do conhecimento, presentes desde a Antiguidade até a segunda década do século XXI de forma consciente ou inconsciente.

O livro com 368 páginas foi traduzido por Rodrigo Seabra e publicado pela editora Vestígio em maio de 2023, nos formatos impresso e digital. Na dedicatória da obra, Burke destaca os professores: "Para os professores deste mundo, heróis e heroínas na tentativa de remediar a ignorância". A apresentação da versão em língua portuguesa é de autoria do filósofo brasileiro Renato Janine Ribeiro.

A primeira parte do livro, intitulada *A ignorância na sociedade tem oito capítulos: O que é a ignorância?; Filósofos e a ignorância; Ignorância coletiva; Estudando a ignorância; Histórias da ignorância; A ignorância da religião; A ignorância da ciência e A ignorância.*

A segunda parte, *Consequências da ignorância*, contém os capítulos *A ignorância na guerra; A ignorância nos negócios; A ignorância na política; Surpresas e catástrofes; Segredos e mentiras; Futuros incertos e Ignorando o passado.* O texto *Conclusão: o novo conhecimento e a ignorância* encerra as discussões propostas pelo autor.

Na primeira parte da obra, a discussão sobre a ignorância é distribuída em três grandes tópicos: não saber algo, não querer saber algo e não querer que outras pessoas saibam algo. A ignorância é um termo amplo, estudado a partir de diferentes formas pelas elites, "massas" e mulheres ou pelos homens, trabalhadores e administradores, por exemplo.

De acordo com Burke, a definição tradicional de ignorância é a ausência ou privação de conhecimento e a história da ignorância tem origem na história do conhecimento, sendo que esta última surgiu da história da ciência. O autor destaca que, no passado, uma das principais razões para a ignorância dos indivíduos era o fato de que muito pouca informação circulava na sociedade.

Na atualidade, diferentemente do passado, a abundância de informações é um problema conhecido como "sobrecarga de informação", situação em que os indivíduos experimentam um dilúvio de informações e, muitas vezes, não conseguem selecionar o que querem ou o que precisam, condição que também é conhecida como "falha de filtro".

A consequência disso é que a era da informação "permite a difusão da ignorância tanto quanto a difusão do conhecimento". Um exemplo é a propagação da Covid-19, que foi prevista por epidemiologistas e, por outro lado, os governos não sabiam ou não queriam tomar conhecimento dessa previsão.

O livro destaca as variedades da ignorância. Uma delas é a "ignorância sancionada", expressão da filósofa Gayatri Chakravorty Spivak, que significa a opção de um grupo, como os intelectuais ocidentais, de permanecer ignorantes a respeito de outras culturas mas esperam que indivíduos dessas culturas saibam sobre eles.

O tema ignorância está presente nos estudos de autores como o sociólogo Georg Simmel que, de acordo com Matthias Gross (2012), discutiu "a normalidade cotidiana do desconhecimento". Sigmund Freud estava preocupado com a ignorância em seu *A interpretação dos sonhos* (1899), John Maynard Keynes e Frank Knight discutiram a incerteza na economia na década de 1920, Friedrich von Hayek publicou um artigo sobre "como lidar com a ignorância" (1978).

Na Educação, Burke destaca a atuação de Paulo Freire na revolução da alfabetização no Nordeste do Brasil em 1963. O educador brasileiro

orientou professores e adultos sobre a diferença entre o analfabetismo e a ignorância e instruiu que eles deveriam aprender com seus alunos.

A segunda parte do livro trata acerca da ignorância em um plano instrumental e como as suas consequências interferem de modo decisivo na esfera da guerra, da política, da geografia, dos negócios e de outros fatores que envolvem o poder e seus resultados não esperados. Segundo o autor, aqueles que decidem muitas vezes não possuem o conhecimento necessário para se precaver dos danos, enquanto aqueles que conhecem não tem o poder de decidir.

É desta forma que os governantes são derrotados em guerras, como nos casos de Napoleão e Hitler em suas incursões pelo território russo e o rigoroso inverno daquele país, investidores perdem seus negócios por não ter se preparado para eventos como a Crise de 1929 e gestores públicos não preveem desastres climáticos como o furacão Katrina em 2005.

Assuntos de Estado ficam restritos ao grupo que governa. Colonizadores, por exemplo, desconheciam as origens culturais dos territórios a serem ocupados. Em suma, a ausência de conhecimento compromete todo o esforço pragmático daqueles que ocupam os diversos espaços de poder.

Ao longo da segunda parte do livro, o autor procura evidenciar como as tragédias poderiam ser evitadas se houvesse o mínimo de conhecimento de determinadas situações específicas que resultaram em epidemias, fome e na recente pandemia do novo coronavírus.

Burke destaca a era atual da desinformação, que demonstra o quanto a ignorância permanece presente pelo modo como ela influencia determinadas camadas sociais, mediante o endosso de líderes políticos que incentivam a propagação das *fake news*.

A incerteza também é algo que permanece, dado o desconhecimento acerca do que está por vir. Em outras palavras, apesar dos diversos avanços que permitem disseminar a informação para públicos cada vez maiores, as gerações atuais não aprenderam com os erros das gerações passadas.

O autor conclui que a ascensão de novos conhecimentos do “progresso inevitável” provocou novas ignorâncias em seus diversos desdobramentos, ao contrário da promessa de que o conhecimento venceria a ignorância.

Essa conclusão de Burke nos remete à ideia de que a modernidade trouxe consigo novas modalidades de ignorância não previstas, principalmente em escala individual, de modo que sabemos mais em alguns aspectos, porém desconhecemos outras coisas que nossos antepassados conheciam.

A obra *Ignorância: uma história global* proporciona reflexões sobre os limites do conhecimento da humanidade e a necessidade da compreensão dessas limitações para a construção e o compartilhamento de saberes necessários para o avanço científico e a preservação da vida. Como escreveu Mark Twain, citado por Peter Burke na obra, "somos todos ignorantes, só que sobre coisas diferentes".

Tadeu de Oliveira Silva

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-8272-0746>

E-mail: [tadeudeoliveira\\_@hotmail.com](mailto:tadeudeoliveira_@hotmail.com)

4

Daniel Costa Martins

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura

Orcid id: <https://orcid.org/0009-0000-8890-6752>

E-mail: [dmartins.1987@yahoo.com.br](mailto:dmartins.1987@yahoo.com.br)

Prof. Dr. Alexsandro Galeno Araújo Dantas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Instituto Humanitas de Estudos Integrados

Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-5103-0339>

E-mail: [alexgalenno@gmail.com](mailto:alexgalenno@gmail.com)

Recebido 11 jul. 2024

Aceito 19 jul. 2024